

RELATO DE PRÁTICA EDUCOMUNICATIVA NA EDUCAÇÃO BÁSICA COM O ENSINO HÍBRIDO

SÃO PAULO/SP MAIO/2017

VERONICA MARTINS CANNATÁ - COLÉGIO DANTE ALIGHIERI - veronica.cannata@cda.colegiodante.com.br

ADRIANA BARROSO AZEVEDO - UNIVERSIDADE METODISTA - adriana.azevedo@metodista.br

Tipo: RELATO DE EXPERIÊNCIA INOVADORA (EI)

Categoria: MÉTODOS E TECNOLOGIAS

Setor Educacional: EDUCAÇÃO MÉDIA E TECNOLÓGICA

RESUMO

O presente relato narra a trajetória de uma oficina extracurricular educomunicativa para alunos do Fundamental I e II (5º e 6º ano) em uma escola particular da cidade de São Paulo. Tal iniciativa preconiza a produção de conteúdos por parte dos alunos para diferentes mídias (digital e impressa) além de promover uma discussão sobre uso e possibilidades dos ambientes digitais e inovações metodológicas na sala de aula na perspectiva da personalização do aluno. Apresenta-se também neste relato o projeto Educom.GeraçãoCidadã.2016, uma proposta de ação educomunicativa interinstitucional, articulado pela ABPEducom – Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais da Educomunicação, envolvendo ações colaborativas com educadores e alunos do 7º ano à 2ª série do Ensino Médio do Colégio Dante Alighieri em conjunto com educadores e alunos do Ciclo Autoral do CEU EMEF Casa Blanca. O projeto teve como objetivo promover o protagonismo dos estudantes na reflexão e produção midiática sobre temas por eles escolhidos e providos de interesse para a formação e a prática cidadãs. Utilizou-se o ensino híbrido como uma metodologia ativa com foco na personalização do ensino.

Palavras-chave: ensino híbrido, inovação, educomunicação, educação e comunicação

AGRADECIMENTOS

Aos queridos educadores do Colégio Dante Alighieri, da ABPEducom, do CEU EMEF Casa Blanca, da Diretoria Regional de Educação Campo Limpo (DRE CL) e da Secretaria Municipal de Educação de São Pa

O conceito de Educomunicação se expandiu no Brasil a partir das pesquisas desenvolvidas pelo Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da Universidade de São Paulo (USP) no final da década de noventa, coordenadas então pelo professor doutor Ismar de Oliveira Soares.

Nos anos 80, o termo educomunicação já aparecia em discussões da UNESCO e no mesmo período, Mario Kaplún definia como educador o profissional que atuava nas práticas de comunicação alternativa na América Latina. O termo educadores consta no livro *Una Pedagogia de La Comunicación* (1998), a obra é uma atualização de *El Comunicador Popular* (1985), ambos de Kaplún que trazem como foco a inter-relação entre a comunicação e a educação.

Segundo Soares (2004), educomunicação é um campo teórico-prático que propõe uma intervenção o meio a partir de uma educação para a mídia, da comunicação dialógica, do planejamento participativo, do uso das mídias na educação, da produção de conteúdos educativos, do uso criativo das tecnologias, do protagonismo (sujeitos midiáticos ativos), da gestão democrática das mídias e prática epistemológica e experimental do conceito.

Os ecossistemas educacionais, na definição de Soares (2004), ampliam a capacidade de expressão de todas as pessoas num espaço educativo, melhoram o coeficiente comunicativo das ações educativas, desenvolvem o espírito crítico dos usuários dos meios de comunicação, proporcionam o uso adequado os recursos da informação nas práticas educativas, além de fortalecerem os espaços educativos.

O “paradigma educacional”, segundo Soares (2017), contextualiza-se “como um caminho facilitador para a compreensão e a prática dos direitos humanos”, tendo como eixos mobilizadores de seus diferentes projetos de intervenção social: a promoção da cidadania em sua plenitude; o fortalecimento dos espaços de convivência, mediante a gestão democrática dos processos de comunicação; a ampliação do potencial comunicativo dos indivíduos e grupos humanos, mediante práticas culturais e artísticas; a educação para a comunicação, como um direito das novas gerações; o favorecimento do protagonismo comunicativo infanto-juvenil, mediante a promoção, entre os membros das novas gerações, de práticas de comunicação democrática e participativa.

Em 2007, um grupo de alunos do ensino Fundamental II se reuniu para fazer a cobertura de um evento de tecnologia de um Colégio privado de São Paulo. Acompanhados pela professora de tecnologia e por uma jornalista, desenvolveram produções escritas e registros fotográficos com base em técnicas jornalísticas a fim de produzir sua própria

mídia impressa, que seria veiculada e distribuída no dia do evento.

No ano seguinte, dois alunos que participaram daquela cobertura propuseram à direção do Colégio que a experiência fosse expandida para a concepção de uma oficina semanal de produção midiática. Nascia assim a oficina educacionais legitimada pelo desejo dos próprios alunos de produzirem conteúdo informativo para outros alunos.

A primeira parte das oficinas é dedicada ao momento “Análise de Mídia”. Isto é: semanalmente é disponibilizado aos alunos um material contendo um fato que foi destaque no noticiário nacional em diferentes veículos informativos, a fim de que eles possam fazer uma leitura prévia, em casa, e no próximo encontro da oficina, possam ter repertório e contribuir com a discussão.

O objetivo desta atividade consiste na apreciação do conteúdo publicado por diferentes meios de comunicação (jornal impresso, revista, vídeos, quadrinhos, entre outros) e visa estimular um olhar crítico e diferenciado dos alunos. Essa discussão não se norteia somente nos temas das notícias que são, de maneira geral, bastante polêmicos.

Os alunos também debatem a neutralidade (ou a falta dela) dos meios de comunicação, o uso de termos considerados tendenciosos, a abordagem política das matérias, os títulos, as fotos e as legendas vinculadas ao texto, entre outros elementos que compõem as peças informativas. No momento análise de mídia é o treino da habilidade da leitura crítica do mundo, pois muitas vezes é possível

perceber que, numa geração conectada, altamente ligada em infográficos e memes, não há a compreensão das relações entre os recursos gráficos e os elementos verbais [...]. Ao que parece, os alunos não relacionam a imagem com o texto: ou fazem apenas a leitura da imagem ou simplesmente a leitura do texto escrito, sem relacioná-los como conteúdos complementares. (CAPRINO; PESSONI; APARÍCIO, 2012, p.17)

Além da formação de leitores críticos, o momento “Análise de Mídia” parte do princípio de que os alunos não devem ser meros reprodutores de técnicas da comunicação, mas sim comunicadores de caráter reflexivo, que possam além de questionar, formar e informar.

A segunda parte das oficinas está relacionada à elaboração de conteúdos, com exercícios práticos. Essa prática possibilitou a criação, pelos alunos, de uma mídia impressa anual. Atualmente, além de produzirem a revista, alimentam as redes sociais da oficina e fazem a cobertura jornalística para a webtv do Colégio e, ainda, para a

Rádio Dante.

Para tanto, são exploradas as tecnologias digitais do Colégio, como câmeras fotográficas e filmadoras, além dispositivos móveis e os estúdios de Rádio e TV. Essa variedade de formatos não apenas mantém os alunos atualizados com a convergência das mídias, como também os estimula a descobrirem vocações e interesses próprios relacionados às áreas da comunicação.

Inserir diversos recursos tecnológicos na oficina educacional tem o objeto possibilitar o multiletramento midiático, pois a prática da leitura de mundo não se dá de maneira isolada, ela precisa ser incrementada além dos textos impressos. No entanto cabe à escola encontrar meios para enfrentar os desafios das novas tecnologias pois

é necessário pensar em novos letramentos, que, entretanto, incluem todos os tipos de mídia, inclusive o “velho” jornal impresso. Hoje, não basta que o aluno seja alfabetizado; ele tem que estar preparado para deparar-se com qualquer tipo de mensagem e saber dar tratamento e interpretação adequados a cada um (CAPRINO; PESSONI; APARÍCIO, 2012, p.18)

Em 2014, quando a equipe de gestão foi comunicada que uma professora do seu corpo docente fora selecionada para integrar o Grupo de Experimentação com os modelos do Ensino Híbrido, autorizou que a experimentação fosse primeiramente aplicada pela mesma professora __ pesquisadora desse estudo __ na oficina educacional com 25 alunos e por ela mediada.

Após um ano de experimentação, os resultados apresentados foram validados pela equipe de gestão, sendo o ensino híbrido integrado ao Colégio, a partir daí, de maneira escalonada na matriz curricular.

Apenas com o objetivo de registrar o "como" eu organizo uma aula de ensino híbrido, descrevo abaixo a produção coletiva do e-book Focados book: o manual do jornalista mirim, produzido nas oficinas de educação da qual faço a mediação em parceria com uma jornalista. O e-book traz a produção de 88 alunos que entregaram as três turmas da oficina.

Desde o início do projeto, deixamos claro qual era o produto final e que eles teriam como objetivo principal ensinar, pela produção autoral, outras crianças a fazer aquilo que eles faziam nos encontros semanais da oficina. Embora os alunos mencionassem o quanto gostavam de participar da oficina, nos questionávamos se eles tinham

consciência do que faziam, como faziam e por que faziam.

Percebemos que dar um sentido à produção que extrapolou as paredes da sala de aula fez toda a diferença. Os alunos passaram de consumidores a produtores de conteúdo, exercendo ainda o protagonismo e a autonomia ao gerenciar o tempo na realização das tarefas.

A elaboração do e-book teve os seguintes objetivos: elaborar coletivamente conteúdos digitais abertos com a produção textual, radiofônica, televisiva e fotográfica, destinados ao aprendizado das técnicas jornalismo por crianças para crianças; refletir sobre as etapas de produção de um livro digital; compartilhar dicas simples e conceitos introdutórios de fotografia, telejornalismo, rádio e análise de mídia, conteúdos esses abordados nas oficinas educacionais do Colégio; e promover a autonomia e o protagonismo dos alunos.

Na primeira aula, utilizando o modelo sala de aula invertida, disponibilizou-se aos alunos um link de acesso a um vídeo no ambiente Moodle das oficinas, como pré-requisito para esta primeira aula. O vídeo, disponível no Youtube, narra a história de um menino que, apaixonado pela flor do Manacá, decide buscar no dicionário o significado da sua flor preferida. A situação-problema, na visão do menino, apresenta o dicionário como um livro de definições “chatas” das palavras e não portador da beleza de significados que elas têm. O menino decide, então, criar o seu próprio dicionário cheio de sentimentos, cores e sabores, com o nome Sentimentário.

Após a análise do vídeo, apresentamos quatro palavras relacionadas à nossa oficina: fotografia, rádio, telejornalismo e análise de mídia, para que os alunos as definissem, utilizando-se dos tablets com o aplicativo gratuito Padlet. O produto final dessa aula foi a confecção coletiva de quatro murais digitais.

Na segunda aula, utilizando o modelo sala de aula invertida, disponibilizamos outro link de acesso a um vídeo no ambiente Moodle das oficinas, também como pré-requisito para a segunda aula. Tratava-se de uma reportagem do Fantástico, exibido pela Rede Globo, sobre o livro Casa das Estrelas: o universo contado pelas crianças, escrito pelo professor colombiano Javier Naranjo, que reúne definições poéticas dadas por crianças, definições essas coletadas por ele por quatro anos.

Ainda nessa aula, dialogamos com as crianças sobre os dois vídeos (o curta de animação exibido na aula anterior e a reportagem do “Fantástico”) perguntando-lhes se havia relação entre eles. Após reflexões e relatos orais dos alunos, sentados em roda,

realizamos uma dinâmica mostrando folhas de sulfite com palavras impressas, como óculos, janela, cadeira, professor, escola, jornal, rádio, etc.

Propusemos aos alunos a elaboração de definições orais de um jeito diferente, não do jeito como um adulto fala, não da forma consagrada pelo senso comum ou como o dicionário apresenta, mas sim como uma criança falaria. Tivemos respostas muito interessantes, como: “tempo” é “aquilo que já passou”, “fotografia” é “o passado congelado”, “óculos” é a “janela dos olhos”.

Iniciamos a terceira aula fazendo a leitura dos murais digitais confeccionados na aula anterior, e os alunos avaliaram o quanto ficaram interessantes e de fácil compreensão as definições por eles elaboradas. Após a análise, os alunos responderam a um levantamento de hipóteses sobre “o que”, “para que” e “por que” produziríamos um e-book.

Disponibilizamos estações com e-books de diversos gêneros, utilizando o modelo rotação por estações, para livre consulta e análise dos alunos. Estando os alunos envolvidos com a proposta de produção do e-book, a próxima etapa foi atribuir um tema para cada oficina, de acordo com a habilidade do grupo. Na sequência, organizamos as estações de trabalho, no modelo rotação individual, para a escolha dos subtemas que seriam produzidos em duplas ou trios de trabalho: análise de mídia, rádio, telejornalismo e fotografia.

Na quarta aula, no modelo rotação individual, tendo os temas e subtemas definidos, os alunos, em duplas e trios, e utilizando notebooks, pesquisaram na internet o que já havia sido publicado. Concluída a apuração das fontes e o copiar/colar, iniciou-se um processo de reescrita e adaptação da linguagem adulta para a linguagem infantil utilizando-se um editor de texto.

A análise da produção, no modelo rotação individual, foi o foco da quinta aula. Com os textos semifinalizados, os alunos nos apresentaram a primeira versão e receberam feedback em relação à qualidade de escrita e à linguagem adaptada para fácil compreensão das outras crianças. Após os feedbacks, os alunos se dirigiam à estação “Tente outra vez” para fazer os ajustes necessários e, conforme iam concluindo, se colocavam à disposição para ajudar os demais. A partir dessa etapa da produção consolidou-se a personalização do ensino, com o reagrupando os alunos de acordo com os estágios da produção.

Na sexta e sétima aula, com os textos finalizados, os alunos fizeram a adaptação para a

lauda radiofônica. Com as laudas finalizadas, os alunos nos apresentaram e receberam feedbacks em relação à linguagem adaptada para o rádio. Após o feedback, os alunos se dirigiam novamente à estação “Tente outra vez” para fazer os ajustes necessários e, conforme iam concluindo, se colocavam à disposição para ajudar os demais.

Acompanhados pela jornalista, no modelo laboratório rotacional, os alunos se dirigiram para o estúdio da Rádio Dante, que fica localizada no pátio do Colégio, para a gravação das laudas em duplas ou trios. Enquanto as duplas ou trios gravavam na Rádio, os demais permaneciam em sala de aula, acompanhados por mim, preparando-se para a gravação com treinos orais.

A coleta dos depoimentos aconteceu entre a oitava e nona aula. Conforme iam concluindo as produções, no modelo laboratório rotacional e rotação por estações, os alunos gravaram depoimentos sobre suas impressões em relação à oficina e à produção do e-book. O vídeo está publicado como abertura do e-book.

Na última aula, com a mediação dos professores, os alunos definiram o formato do evento de lançamento do e-book, que teve a participação dos pais, familiares, ex-alunos da oficina e contou ainda com a presença do professor Ismar Soares, da NCE/USP e presidente da ABPEducom, Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação. Quatro alunos conduziram a cerimônia de lançamento do e-book.

Nessa sequência didática, a estratégia esteve centrada no interesse dos alunos e na clareza da finalidade que teria essa produção. O e-book (<https://goo.gl/fEGf1h>) dos jornalistas mirins não se restringiu a um trabalho de escola, do tipo “estou fazendo isso porque a minha professora pediu”, mas se desdobrou em uma tarefa com finalidade social, do tipo “estou fazendo porque eu sei e eu posso ensinar o outro”, “estou fazendo porque sei que alguém terá acesso ao que eu produzi”.

Em 2016, utilizando a metodologia do ensino híbrido, realizou-se o projeto Educom.GeraçãoCidadã.2016. Trata-se de uma proposta de ação educacional interinstitucional. Articulado pela ABPEducom – Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais da Educomunicação, que envolveu ações colaborativas com educadores e alunos do 7º ano à 2ª série do Ensino Médio do Colégio Dante Alighieri e educadores e alunos do Ciclo Autoral do CEU EMEF Casa Blanca. O CEU EMEF Casa Blanca é uma instituição de ensino da rede pública e está ligada à Diretoria Regional de Educação Campo Limpo (DRE CL) e à Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME).

Os alunos do colégio particular convidados para participar do projeto pertenciam à oficina Dante em Foco, e os alunos da rede pública são vinculados ao Programa Imprensa Jovem, do Núcleo de Educomunicação da SME.

O projeto teve como objetivo promover o protagonismo dos alunos na reflexão e produção midiática sobre temas por eles escolhidos, de interesse para a formação e a prática cidadãs.

A experiência da Dante em Foco somou-se, neste projeto, à experiência da Imprensa Jovem, ambas articuladas pela ABPEducom, constituindo-se, assim, como uma experiência coletiva num projeto interinstitucional. Ao longo do desenvolvimento do projeto, considerou-se que nenhuma opinião seja uma convicção absoluta, imutável. Que o dia de hoje "seja sempre uma passagem feita da soma das experiências de ontem, enriquecida das experiências de amanhã [...]" (KORCZAK, 1929, p. 21).

Durante o ano de 2016, todas as atividades, as visitas entre as duas escolas e suas respectivas ações foram acompanhadas pelos educadores parceiros, envolvendo produções conjuntas em diferentes linguagens, com mediações que conduziram a uma análise crítica sobre as mídias produzidas e consumidas, executando uma "experiência de prática educ comunicativa expressamente voltada à área da educação em direitos humanos" (SOARES, 2017 p. 4).

Sobre as produções, destaca-se o ensino híbrido como metodologia ativa utilizada na elaboração de sequências didáticas que possibilitaram a execução de atividades que envolveram os dois grupos organizados em agrupamentos dinâmicos, com foco na personalização do ensino.

Utilizou-se os modelos Sala de aula invertida, Rotação por Estações, Rotação Individual e Laboratório Rotacional com atividades dirigidas nas duas escolas, bem como na utilização dos estúdios de rádio e de TV do Colégio Dante Alighieri, bem como, o estúdio de Captação de Vídeo Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

No presente projeto, mais do que um produto final, no caso o vídeo #AceitaTodos #PorUmMundoMelhor, disponível no link <https://goo.gl/GMtQIQ>, objetivou-se a colaboração entre alunos num processo com aprendizagens compartilhadas, de maneira a construir conexões a partir das práticas educ comunicativas que integraram reflexões sobre a questão da cidadania. Além disso, a natureza interinstitucional do projeto pretendeu fomentar as práticas cidadãs, de maneira que estas pudessem promover e inspirar outros projetos por essas e outras instituições educacionais.

O Educom.geraçãocidadã.2016 estruturou-se por meio de um diálogo democrático e de cooperação entre a instituição particular, a instituição pública e a universidade. Tal prática interinstitucional pode, a nosso ver, inspirar futuras políticas públicas com vistas a estabelecer ecossistemas educacionais em que ecoem não somente as vozes de alunos protagonistas, mas também as vozes de professores e de gestores interessados em promover o protagonismo, a reflexão e a produção midiática para a formação e a prática cidadãs.

Em novembro, o Educom.geraçãocidadã.2016 foi apresentado no V Global MIL Week, congresso sobre Media and Information Literacy (em tradução livre, Introdução a Mídia e Informação), organizado pela Unesco, e no “Seminário Educação Midiática e Informacional no Brasil”, realizado pelo Conselho de Comunicação Social (CCS) do Senado Federal.

A participação em Brasília foi considerada um marco importante para a educação, pois, pela primeira vez, alunos participaram de discussões sobre educação midiática no Congresso Nacional e mostraram aos membros do CCS como a educação é trabalhada na prática.

O Seminário Educação Midiática e Informacional no Brasil foi transcrito num livro que, ilustrado com fotos, se compõe de 44 páginas de relatos colhidos pela equipe de taquigrafia do Senado e está disponível no link <https://goo.gl/JxWq8Q>; já a sessão da câmara está disponível no YouTube no link <https://goo.gl/h3wBK2>.

Em abril de 2017, numa iniciativa da Campanha Nacional pelo Direito à Educação (CNDE), a relatora especial para o Direito Humano à Educação da ONU, Kombou Boly Barry -- elevada à categoria de símbolo por ocupar essa importante posição, na qual chegou após atuar como ministra da Educação de Burkina Faso -- esteve no Brasil e participou de uma reunião no Instituto Paulo Freire com especialistas da educação formal e não formal.

Na ocasião, a experiência do projeto interinstitucional Educom.geraçãocidadã.2016, amparado pelas concepções educacionais e estruturado pedagogicamente pela metodologia do ensino híbrido com foco na personalização, foi apresentada à relatora da ONU.

Referências

BACICH, Lilian; NETO, Adolfo Tanzi; TREVISANI, Fernando de Mello (org.). Ensino

Híbrido: personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Editora Penso, 2015.

HORN, M. B.; STAKER, H. Blended: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação. Porto Alegre: Penso, 2015.

KORCZAK, Janusz. Como amar uma criança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

SOARES, Ismar de Oliveira. Mas, afinal, o que é educomunicação? Disponível em: <http://migre.me/uR6bw>. Acesso em 26 abr. 2016.

SOARES, Ismar de Oliveira. A Educomunicação a serviço de um Plano de Educação para os Direitos Humanos. Disponível em: <http://migre.me/weL8U>. Acesso em 13 abr. 2017.

ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.